

A PROPOSTA DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU ENTRE OS DISCURSOS EDUCATIVOS PARA A RELAÇÃO DO EMÍLIO COM AS CIÊNCIAS

Luciano da Silva Façanha¹
Maria do Socorro Gonçalves da Costa²

Resumo:

Enquanto educador, Rousseau irá propor uma maneira inovadora, à sua época, de adquirir os conhecimentos tradicionalmente constituídos sobre os quais discorre entre os livros dois e três de sua obra pedagógica *Emilio ou Da Educação*. Partindo dessa premissa, dentro do que pode ser classificado entre os discursos educativos desse autor, o objetivo deste artigo consiste em apresentar a proposta que o filósofo de Genebra delega ao seu aprendiz, Emílio, para a relação que ele deve estabelecer com as Ciências, ou seja, com os saberes constituídos em seu processo de aprendizagem, rol da educação negativa. Para tanto, a metodologia empregada será de análise interpretativa do texto bibliográfico de Rousseau e de comentaristas sobre a temática. O filósofo procura inverter o processo de aquisição do saber ao inserir a experiência como mediadora da aprendizagem enquanto elemento fundamental entre o indivíduo e os elementos empíricos, base aquisitiva para todo conhecimento que componha os discursos científicos ou humanos. Assim, pretende-se contribuir com novas abordagens sobre a teoria do conhecimento em Rousseau e seus reflexos na educação da criança.

Palavras-chave: Experiência. Ciências. Conhecimento. Aprendizagem. Rousseau.

THE PROPOSAL OF JEAN-JACQUES ROUSSEAU AMONG EDUCATIONAL DISCOURSES FOR EMILE'S RELATIONSHIP WITH THE SCIENCES

269

Abstract:

As an educator, Rousseau proposed an innovative approach, for his time, to acquiring traditionally established knowledge, which he discusses in books two and three of his pedagogical work *Emile, or On Education*. Based on this premise, within what can be classified among the educational discourses of this author, the aim of this article is to present the proposal that the philosopher from Geneva assigns to his apprentice, Emile, regarding the relationship he should establish with the sciences—namely, the knowledge constituted during his learning process, which falls under the realm of negative education. To this end, the methodology employed will be an interpretative analysis of Rousseau's bibliographical text and the works of commentators on the subject. The philosopher seeks to reverse the process of knowledge acquisition by inserting experience as a mediator of learning, a fundamental element between the individual and empirical elements—a foundational basis for all knowledge that comprises scientific or human discourses. Thus, the article intends to contribute to new approaches to Rousseau's theory of knowledge and its implications for the education of children.

Keywords: Experience. Sciences. Knowledge. Learning. Rousseau.

¹ Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão. Bacharel em Direito pela Universidade Cidade de São Paulo. Mestre e Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É Pós Doutor em Filosofia pela PUCSP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1331-5880>. E-mail: luciano.facanha@ufma.br.

² Doutora em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia-UFBA (2022) Professora - Adjunto, C, Nível 02 na Universidade Federal do Maranhão. Atua como membro pesquisadora no Grupo de Estudo e Pesquisa Interdisciplinar Jean-Jacques Rousseau UFMA (GEPI Rousseau UFMA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5009-6659>. E-mail: maria.sgc@ufma.br.

1. Introdução

Jean-Jacques Rousseau nasceu na república de Genebra, Suíça, em 28 de junho de 1712. Descendente de uma família francesa protestante, filho de Suzanne Bernard e Isaac Rousseau, tornou-se um dos mais importantes e influentes filósofos do século XVIII, talvez aquele que melhor tenha perscrutado a sociedade de sua época, em seus aspectos sociais, morais e educativos, como suas obras iriam demonstrar.

Mesmo tendo contribuído com verbetes sobre música na *Enciclopédia*, o percurso literário-filosófico de Rousseau começou antes mesmo de ganhar fama com a premiação da Academia de Dijon, em 1750, pelo seu *Discurso sobre as Ciências e as Artes*, conhecido como *Primeiro Discurso*. O filósofo³ escreveu sua primeira peça de teatro, *Narciso ou o Amante de Si Mesmo*, aos dezoito anos de idade, em 1733. Esta comédia já continha um quiproquó em torno do ser e do parecer, uma tese que apareceria em todas as suas obras futuras.

As ideias de anti-progresso, decadência moral e anti-iluminismo, defendidas por Rousseau, deram margem para que alguns comentadores, a exemplo de Luiz Roberto Salinas Fortes (2004), considerassem-no o *desmancha-prazeres* da festa dos iluministas. Enquanto todos acreditavam nos admiráveis progressos da razão, Rousseau, ao contrário, pôde perceber que tais progressos supostamente promovidos pela razão só serviram para tornar os homens menos humanizados e mais artificiais, deixando-os cheios de vícios, como a polidez, a estima pública e a vaidade⁴. Sob sua perspectiva, os homens passaram, assim, a valorizar mais as aparências e o luxo⁵; enquanto as virtudes humanas, como a sinceridade e a amizade, passaram a pertencer a poucos indivíduos. Essas ideias, esboçadas no *Discurso sobre as ciências e as artes*, tornarão o filósofo conhecido no meio acadêmico.

A construção de suas teorias pode ser mais bem compreendida a partir do itinerário pessoal do filósofo e de sua formação autodidata. Diferentemente de seus amigos enciclopedistas, Rousseau não frequentou formalmente nenhuma academia.

³ Letras, Gente de Letras ou Letrados. “As pessoas de letras que mais serviços prestaram ao reduzido número de entes pensantes espalhados pelo mundo são os letrados isolados, os verdadeiros sábios encerrados nos seus gabinetes que não argumentaram nos bancos das universidades nem disseram as coisas pela metade nas academias; e esses têm sido quase todos perseguidos; homens que esclareciam outros e eram perseguidos. Um homem de letras não se atém a nada.” (VOLTAIRE, 1973, p. 242).

⁴ A polidez permite que os homens transpareçam um caráter camuflado.

⁵ “O luxo é o elemento supérfluo e desnecessário que diferencia os homens, tornando-os escravos vis e presos a essa aparência que, gradativamente, se torna tão importante. Ao longo do processo civilizatório das sociedades, a dicotomia ser e parecer se estabelece, deixando para trás a importância da virtude”. (PISSARA, 2002, p. 43).

Suas primeiras instruções foram recebidas de seu pai, ainda na infância, embora ele ignore como aprendera a ler e o que tenha feito até os seis anos de idade, conforme relata em *Confissões*, obra autobiográfica que representa não apenas sua identidade pessoal, mas também a construção de sua intelectualidade.

Quando se menciona o século XVIII, muitas são as ideias que perpassam esse período. Historicamente, este século representou um marco no pensamento humano, pois permitiu fazer uma retrospectiva do que ocorrera até então e empreender uma leitura do que se passara durante o período por intermédio dos volumes da *Enciclopédia*, com destaque para os atuantes intelectuais da época, dentre os quais se sobressai a promissora figura de Jean-Jacques Rousseau, que havia contribuído notoriamente com os verbetes sobre música. Já conhecido por seu *Primeiro Discurso* e por sua contribuição na *Enciclopédia*, alguns anos mais tarde, Rousseau chamará a atenção sobre outra obra, *Emílio ou da Educação*, a qual mudaria as concepções sobre a educação tão já em decadência no período, por conta do ensino jesuíta ainda muito praticado nas escolas na época. É o *Emílio* que constituirá todo um discurso envolvendo a educação de forma geral, a educação da criança e suas fases até a idade adulta.

Esse discurso crítico sobre a educação tem início com o *Discurso sobre as Ciências e as Artes* (1750), quando Rousseau responde negativamente à ideia de que o progresso das ciências e das artes tenha contribuído para o aprimoramento moral do homem. Pelo contrário, de maneira factual, ele demonstra que todas as sociedades que as cultivaram eventualmente declinaram. Desde essa sua primeira obra de renome, o filósofo mostrou-se contrário àqueles que buscam conhecimento por motivos de vaidade e estima pública, relegando os deveres humanos a segundo plano.

Em *Emílio ou Da Educação*, o romance pedagógico que trata da educação de uma criança imaginária desde o nascimento até a idade adulta, sob a égide da educação negativa, Rousseau retoma o tema das ciências e das artes, compondo todo um cabedal de ideias sobre a forma como se adquire o conhecimento numa clara adesão ao empirismo ao mesmo tempo em que se opõe ao racionalismo. Na obra, quando chega o momento em que a criança, já pré-adolescente, deve ter contato com os conhecimentos estabelecidos, ou seja, com as ciências em sua forma acabada, discursiva, teórica, o preceptor, chamado Jean-Jacques, a afasta dos livros e a faz experimentar os fatos, os fenômenos, a natureza e as coisas antes que possa compor os discurso teóricos sobre o saber, seus preceitos, suas ideias.

Dessa forma, o objetivo deste artigo é apresentar a proposta de Rousseau para a relação que seu aprendiz, Emílio, a criança imaginária, deve estabelecer com as Ciências, ou seja, os saberes constituídos, as Ciências em sua forma acabada e teórica, assim como a maneira como o preceptor conduz esse processo. A questão central abordada é: há no *Emílio* uma teoria do conhecimento quando Rousseau estabelece uma forma de seu aprendiz lidar com as coisas antes de transformá-las em conceitos abstratos? Por que o aprendiz precisa sentir, ver, tocar antes de pensar teoricamente sobre um fato, um fenômeno ou um objeto? Observa-se que a teoria do conhecimento em Rousseau é um tema pouco explorado, embora esteja explicitamente disseminado em seu livro pedagógico, principalmente nos livros dois e três. Portanto, é necessário investigar e trazer à tona algo que a modernidade debate, que é o empirismo na educação, e como o filósofo aborda isso em seu romance pedagógico, como um aspecto da educação negativa e estrutura dos discursos sobre educação.

Para alcançar nosso objetivo, começaremos com a breve crítica que Rousseau faz às ciências e às artes no *Discurso sobre as Ciências e as Artes*, destacaremos as fases da educação de Emílio, enfatizaremos o papel da educação negativa na formação dessa criança fictícia e, por fim, apresentaremos a relação do aprendiz com os saberes constituídos, ou seja, com as ciências, conforme descrito nos livros dois e três. Investigaremos se essa prática é permitida ou evitada e qual solução o filósofo propõe para o aprendizado do menino, seguido das considerações finais sobre a abordagem em questão.

2. A crítica de Rousseau às ciências e às artes

A crítica de Rousseau às ciências e às artes está esboçada em seu *Primeiro Discurso*, o *Discurso sobre as Ciências e as Artes*. Essa crítica trata, sobretudo, do fato de que o aprimoramento das ciências, das artes e do saber em geral não tornou os homens moral e socialmente melhores. Pelo contrário, com seu avanço, os transformou em seres de falsas aparências, viciosos, corruptíveis e moralmente não confiáveis. No *Primeiro Discurso*, aquilo que está relacionado às ciências e às artes é a cultura, o refinamento, aquilo que o intelecto humano pôde desenvolver nos vários ramos da cultura letrada. A educação, para Rousseau, já se apresentava como corrompida e

superficial, pois exigia dos jovens aprendizados que se sobrepujassem aos seus deveres de seres humanos.

Já desde os primeiros anos, uma educação isenta orna nosso espírito e corrompe nosso julgamento. Vejo em todos os lugares e estabelecimentos imensos onde a alto preço se educa a juventude para aprender todas as coisas, exceto seus deveres. Vossos filhos ignoram a própria língua, mas falarão outras que em lugar algum se usam; saberão compor versos que dificilmente compreenderão sem saber distinguir o erro da verdade, possuirão a arte de torná-los ambos irreconhecíveis aos outros, graças a argumentos perniciosos; mas não saberão o que são as palavras magnanimidade, equidade, temperança, humanidade e coragem. (ROUSSEAU, 1978, p. 347).

Já no *Emílio*, a educação é compreendida como esse refinamento, erudição, cultura letrada. Essa educação pode ser moderada para que outras questões de caráter pessoal possam ser melhor desenvolvidas (COSTA, 2013). Em outras palavras, a educação humana do aprendiz antecede qualquer educação livresca, erudita, imposta pela sociedade e pela escola.

O aprendiz adquire conhecimentos a partir do contato com a natureza (o mundo exterior a si), com os homens e com as coisas, mediado por um preceptor Jean-Jacques. A crítica às ciências e às artes é transposta para a forma como a criança acessa o conhecimento instituído – educação dos homens, formal ou informal, sendo a educação negativa aquela que vai preservar a criança de saber e entender as coisas (abstração, conceitos etc.) antes do tempo e de forma errônea. O caminho para a compreensão e elaboração conceitual é longo e deve ser antecedido pela experiência sensível, isto é, pelo uso dos sentidos: visão, audição, tato paladar e olfato.

De maneira que, mesmo no trabalho que deve aprender – carpintaria, Emílio alia a arte mecânica e a bela-arte, já que na bela-arte estão incluídas regras e criação própria; um trabalho que exige criatividade, raciocínio e previsão. “Eis portanto o tempo dos trabalhos, das instruções, dos estudos, e observai que não sou eu que faço arbitrariamente essa escolha: é a própria natureza que a indica” (Rousseau, 2022, p. 188-89). Lembre-se que o tema da vaidade é o que levaria, segundo Rousseau, as pessoas a quererem se distinguir e ser melhores, umas em relação às outras, pelo talento que possuem, pelo trabalho que realizam, pela função que ocupam na sociedade; a vaidade faz emergir, nos homens, supostas “necessidades” que não lhes fazem falta. Ademais, a vaidade é um dos males causados pela ciência, conforme aponta no *Primeiro Discurso*.

A vaidade é um tema constante na filosofia de Rousseau. No *Emílio*, vaidade é o que não deve ser despertado no aprendiz. Isso é bem destacado em suas lições, como

no exemplo da ida do menino com o preceptor à feira, onde um mágico faz o pato se direcionar para o pedaço de pão e Emílio, com mais ou menos onze anos, descobre o segredo; no outro dia, no intuito de publicizar a descoberta do segredo do mágico, ele volta à feira com o preceptor, mas é envergonhado porque o truque não dá certo (se tivesse dado certo, seria tomado pela vaidade). Além da lição sobre a vaidade, física e estima são aprendidas nessa experiência. O conhecimento sobre uma coisa não é para se envaidecer, por isso, Emílio volta da feira devastado e o preceptor, que nada diz sobre o acontecido, espera o processo de compreensão que Emílio deve obter dali por diante.

Para Rousseau, as ciências, as artes e as letras mascaram a verdadeira essência dos homens e, ao invés de torná-los livres, fazem-nos escravos.

Enquanto o Governo e as leis atendem à segurança e ao bem-estar dos homens reunidos, as ciências, as letras e as artes, menos despóticas e talvez mais poderosas, estendem guirlandas de flores sobre as cadeias de ferro de que estão eles carregados, afogam-lhes o sentimento dessa liberdade original para a qual parecem ter nascido, fazem com que amem sua escravidão e formam assim o que se chama povos policiados. A necessidade levantou os tronos; as ciências e as artes os fortaleceram. (ROUSSEAU, 1978, p. 334-335)

Isso permite reiterar a necessidade de preservar no aluno, durante seu processo de formação, a convicção de que uma educação que incentiva a ociosidade para o luxo e a ostentação deve ser evitada. Para isso, Rousseau recomenda que Emílio aprenda um trabalho manual, que desvie sua imaginação, com o objetivo de propor uma educação para um homem que permaneça o mais próximo possível do estado de natureza, ou seja, pouco degenerado.

Tornai vosso aluno atento aos fenômenos da natureza e o logo o tornareis curioso; mas, para alimentar sua curiosidade, não vos apresseis nunca em satisfazê-la. Apresentai as questões a ele, e deixai-o resolvê-las. Que nada saiba porque lhe houvestes dito, mas porque ele próprio o compreendeu. **Que ele não aprenda por meio da ciência, mas que a invente** (grifo nosso). (ROUSSEAU, 2022, p. 191)

Rousseau quer que Emílio seja ativo, criativo e inventivo por si próprio, que não recorra a manuais, livros ou intermediários, mas que tenha contato direto com o livro da natureza para compreendê-la em sua pureza. Portanto, assim como no *Discurso sobre as Ciências e as Artes*, em *Emílio*, Rousseau não exalta as ciências, muito menos sugere que elas não possam corromper o indivíduo. No processo de aprendizagem, deve sempre prevalecer o "apelo à experiência".

3. As fases da educação do Emílio

Emílio ou Da Educação é composto por cinco livros, cada um correspondendo a uma fase da criança até a idade adulta, por volta dos vinte e cinco anos. O primeiro livro abrange o período de zero a dois anos, no qual Rousseau discute os fundamentos, a importância e os objetivos da educação. Ele também aborda o bebê (infans) e suas primeiras necessidades, que são supridas, em grande parte, pela mãe e se concentram na alimentação, higiene e cuidados. Entre zero e dois anos, trata-se da primeira fase da educação natural, durante a qual a criança é fraca e necessita de tudo.

A segunda parte da educação da natureza continua no livro dois e se estende até os doze anos (*puer*). É a segunda fase da educação da natureza. Nesta fase, concentram-se os aprendizados mais significativos da vida do indivíduo, direcionados sempre pelo preceptor. É o momento em que a criança dá conta de si e do mundo que a cerca; fase em que a educação das coisas ganha destaque e, por isso, o preceptor direciona o aprendiz para o contato direto, sem mediadores, que podem ser outros adultos, o conhecimento moral pelas fábulas e o conhecimento teórico livresco.

Dos dois aos doze anos é a fase que requer maior atenção, portanto, a que Rousseau empreende grande parte de seus preceitos; prevalece, assim, a educação negativa. O terceiro livro, que compreende a fase dos doze aos quinze anos, aborda a idade da força. Esta deve voltar-se para o desempenho dos fazeres manuais, favorecendo o emprego do raciocínio de forma prática. Pode-se afirmar que os livros dois e três são complementares, posto que, enquanto no livro dois há direcionamento do desenvolvimento físico (corpo) da criança, no livro três, veremos essa força física em ação, dado o momento de aprender um trabalho manual; de aprender pelas experiências, a lidar com diversos fatos e fenômenos que fortalecerão ainda mais sua razão sensitiva.

O quarto livro trata da fase entre os quinze e vinte anos, a idade da razão e das paixões; essa idade, segundo Rousseau, marca o segundo nascimento do Emílio na espécie humana e, também sua, inserção no meio social.

O aprendizado prático sobre os meandros sociais e as relações com os homens vai de uma experiência imersiva para ver agir os homens ao aprendizado sobre as ações dos grandes homens por meio da história; dá-se início, também, ao desejo do jovem aprendiz de se relacionar amorosamente com o sexo oposto e à procura por uma

jovem que também tenha sido educada à maneira do Emílio. O livro quinto, que compreende o período dos vinte aos vinte e cinco anos, trata da idade da sabedoria, pois pressupõe o aprendiz plenamente capacitado para as relações sociais e as relações políticas, mas que, antes, precisa viajar para conhecer os regimes políticos de outros países, ao mesmo tempo em que se prepara para o casamento com Sofia e para os contratos que terá de firmar enquanto homem e cidadão cosmopolita.

Até os doze anos, o preceptor precisa despender atenção redobrada, pois, se até essa idade o menino não souber diferenciar a mão direita da esquerda, grande êxito alcançou o preceptor para com seu aprendiz.

O mais perigoso intervalo da vida humana é o que vai do nascimento à idade de doze anos. É o momento em que germinam os erros e os vícios, sem que se tenha, ainda, algum instrumento para destruí-los; quando o instrumento se apresenta afinal, as raízes são tão profundas que já se faz impossível arrancá-las. (ROUSSEAU, 1995, p. 79).

A criança vai progredindo de uma fase a outra e nada deve ser antecedido a ela antes do tempo próprio. Para Rousseau, é a idade da natureza (zero a doze anos) que garantirá o êxito do seu projeto educativo, pois nela é onde se forja a educação negativa, ou seja, a educação que visa proteger a criança não apenas do convívio social corrompido, a educação dos homens, mas também do contato com os livros e com a erudição.

276

4. Emílio e a educação negativa

A educação negativa é a educação da natureza e corresponde ao período de doze anos de idade do personagem fictício da obra rousseauiana, criança de nome homônimo ao da obra. Devemos compreender o projeto educativo pensado por Rousseau a partir deste conceito, em torno do qual o filósofo pensa e estrutura todo o processo educativo/formativo desse aluno imaginário. Embora destaque a educação negativa de maneira processual no *Emílio*, na *Carta a Christophe de Beaumont*, o conceito fica ainda mais esclarecido, além de diferenciar com mais propriedade a educação negativa da educação positiva, que é a educação tradicional, segundo o pensador. Assim é posto o conceito e a diferença:

Denomino educação positiva aquela que pretende formar o espírito antes da idade e dar à criança um conhecimento dos deveres do homem. Chamo educação negativa aquela que procura aperfeiçoar os órgãos, instrumentos de

nosso conhecimento, antes de nos dar esses próprios conhecimentos e nos preparar para a razão pelo exercício dos sentidos. A educação negativa não é ociosa, muito ao contrário. Não produz virtudes, mas evita os vícios; não ensina a verdade, mas protege do erro. Ela prepara a criança para tudo o que pode conduzi-la, quando estiver em condições de entendê-la, e ao bem, quando estiver em condição de amá-lo. (ROUSSEAU, 2005, p. 57).

Portanto, a educação negativa vai de encontro a toda erudição que a escola, de maneira formal, a sociedade e demais instituições oferecem. A educação negativa vai na contracorrente do comum e do tradicional referente à criança e à sua educação, porque preza pela liberdade da criança, para que ela seja ela mesma, muito embora seja uma liberdade vigiada. Pela educação negativa, o preceptor filtra e tarda para a criança a inserção no mundo da cultura e centra-a na formação humana em primeiro lugar, no aperfeiçoamento dos sentidos, que deve antecipar o aperfeiçoamento do espírito. Com a educação negativa, Rousseau dá ênfase à educação pelas coisas, em que o corpo e os sentidos da criança devem ser os elos iniciais e preparatórios da razão instrumental. Inserindo a criança em experiências direcionadas para seu desenvolvimento cognitivo, preserva-a das cobranças do mundo moral, das exigências do mundo da erudição, das exigências para que seja alguém socialmente importante, ou seja, das exigências de que criança que siga a profissão do pai, de ter um destino certo tão logo saia do colégio.

Com a educação negativa, não apenas a criança se coloca em experiência consigo mesma, mas também experimenta o mundo de forma imediata. Nenhum filósofo próximo ou anterior a Rousseau pensou nessa forma de educar uma criança sem inseri-la na escola ou sem lhe dar livros de fábulas para aprender sobre moral e linguagem. Comenius (2011) pensou num livro que ensinasse tudo a todos, *A didática Magna*, e Locke enfatizou a experiência, porque pretendeu barrar o idealismo e racionalismo cartesiano, e isto se refletiu na educação; o conceito de educação negativa, porém, é uma ideia do filósofo de Genebra.

A educação negativa permite que a criança seja o que ela é de fato, sendo suas capacidades futuras premeditadas pelo preceptor para as fases seguintes de seu desenvolvimento como ser humano e ser de aprendizagem. Pela educação negativa, a criança é um ser em liberdade, embora sob a vigília do preceptor. Tornar-se-á um indivíduo que não necessite maturar a racionalidade sem que antes lhe sejam aprimorados os seus sentidos; a educação negativa cria, desenvolve e preserva a razão sensitiva, a razão advinda do uso de todos os sentidos sensoriais da criança, detalhada no livro dois. O corpo infante-juvenil, que deve fazer uso de todos os seus membros, é

A PROPOSTA DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU ENTRE OS...

Luciano da Silva Façanha / Maria do Socorro Gonçalves da Costa

exercitado de tal forma pelo preceptor para que atinja suas potencialidades e, juntos, corpo e mente possam ser direcionados para o aprimoramento da razão sensitiva e do sexto sentido. “Enquanto não escravizarmos a criança a nossos preconceitos, estar à vontade e livre é sempre seu desejo.” (ROUSSEAU, 1995, p. 123). Ademais, para Fragoso, 1989, p. 98:

Rousseau concebe a ‘educação negativa’ exatamente como a retirada das amarras. A ‘educação positiva’, a educação que socializa em função do estado, que forma o cidadão, é aquela que se caracteriza positivamente por transmitir às novas gerações o estoque cultural da civilização, estoque que vai soterrar a natureza original das pessoas e sobrepor-lhes uma nova natureza, aquela que convém ao estado de sociedade.

Assim, pela educação negativa, os conhecimentos da realidade dos homens, como a linguagem, a moral e os saberes instituídos – física, matemática, geografia, entre outros – não entram no quadro de aprendizagem do menino da maneira tradicional, pelos livros, pela escola ou pelo mestre-escola, porque Rousseau acredita na educação natural que está maturando seu protótipo infantil. Portanto, não há nenhuma obrigação conteudista que deva entrar no perfil formativo dessa criança até os doze anos; sua obrigação deve ser, diz, Rousseau para consigo mesmo, seus deveres como homem de si. A educação negativa prepara para todas as situações, diante da condição humana, primordialmente, não pelos livros, mas através de experiências reais em que a criança é inserida.

A educação natural, também caracterizada como educação negativa, prioriza a educação dos sentidos para que a razão sensitiva se desenvolva e se fortaleça. A sensibilidade é o cerne da educação negativa, pois antecede a razão instrumental, a razão raciocinada - algo com o qual Rousseau discordava de Locke, por exemplo, para quem a criança já possuía razão e poderia compreender conceitos abstratos. Rousseau dialoga e contesta seus pares sobre essa forma de aprendizado. A educação negativa, amplamente desenvolvida até os doze anos de idade, prepara Emílio como sujeito da aprendizagem para si mesmo e também como sujeito da aprendizagem de futuros conhecimentos sobre o homem em geral, os saberes constituídos, a política e a cultura. Antes de tudo, a educação negativa tornará Emílio um homem de si mesmo, mas também um ser social pouco corrompido, uma vez que a desnaturação, ou seja, o processo de tornar-se um ser social, é inerente a todos os indivíduos, inclusive à criança imaginária.

5. A relação de Emílio com as ciências

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 13	n. 35	Setembro – Dezembro 2024	p. 269 - 284
--------------------------	--------	-------	--------------------------	--------------

A relação do Emílio com as ciências não é apenas uma proibição sem propósito; deve ser entendida dentro dos preceitos das três educações (explicitadas no livro um – natureza, homens, coisas) e, principalmente, da educação dos homens, que é a cultura. Rousseau denomina os três mestres da educação; Kawauche, em Educação e filosofia no Emílio de Rousseau denomina as três educações de três mestres ou três dimensões de um mesmo processo formativo.

Nessa história em três dimensões, por assim dizer: a primeira diz respeito aos processos naturais (como o crescimento material do corpo de um ser vivo); a segunda compreende aquilo que hoje denominaríamos cultura (pensemos em tudo que podemos realizar para favorecer o desenvolvimento do corpo: prática de atividade física, preferência por bons alimentos, etc.); e a terceira corresponde ao desenvolvimento mais diretamente ligado aos conhecimentos elaborados da experiência por meio dos órgãos sensíveis (por exemplo, a lembrança de sentir dor ao tocar uma superfície quente com a mão, a percepção do deslocamento espacial pelo esforço das pernas etc.). (KAWAUCHE, 2021, p. 63).

Quando pretende que, até os doze anos, seu aprendiz não tenha acesso a nenhum livro que não o livro da natureza e, aos doze, lerá apenas o livro de Robson Cruzoé, o que Rousseau está propondo e preparando é a maturidade racional do menino; que a razão sensitiva ou humana possa se desenvolver plenamente, pois, só assim, o aprendiz terá capacidade de fazer juízos de valor, de conceber conceitos, quando chegar à idade da razão. Até esse momento, sua educação se baseou apenas em experiências mediadas pelo preceptor, sem acesso a livros, nem mesmo aos de fábulas; experiências que tiveram o corpo e os sentidos para que se desenvolvesse a autonomia física, pessoal e intelectual do menino, resultando, assim, no aprimoramento da razão sensitiva, aquela que media a realidade e a existência da criança.

A criança percebe os objetos, mas não pode perceber as relações que os unem, nem pode ouvir a doce harmonia de seu concerto. É preciso uma experiência que não adquiriu, sentimentos que não sentiu, aparta experimentar a impressão compósita que resulta ao mesmo tempo de todas as sensações. (ROUSSEAU, 1995, p. 177).

Rousseau argumenta que não existe uma maturidade intelectual na criança antes dos quatorze anos, embora Locke tenha defendido essa ideia. No entanto, tanto Locke (1983) quanto Rousseau defendem o empirismo no processo de aquisição do conhecimento, ou seja, que só podemos pensar sobre aquilo que experimentamos

primeiro. Ambos também concordam que se avança das ideias simples para as complexas, o que implica um nível mais elaborado de abstração. No entanto, em Locke (2007), esse processo ocorre de forma mais precoce, enquanto para Rousseau, não acontece antes de a razão sensitiva estar bem desenvolvida. Assim,

O empirismo rousseauiano é presentificado, pois toma o passado como análise hipotética e o futuro como uma possibilidade a ser buscada. Mas é uma filosofia cuja abstração para frente ou para trás parte da observação do real imediato. Se no segundo Discurso temos a hipótese e, no Contrato, o plano utópico, o Emílio é a possibilidade que permeia o processo de condução de um plano para o outro. Seu empirismo realiza-se no modo como ele vê a criança e na maneira como esta aperfeiçoa seus sentidos, suas paixões e sua razão. (PAIVA, 2000, p.32).

Embora Rousseau siga o empirismo de Locke ao defender a experiência no processo de aprendizagem de Emílio, para ele, a razão na criança é concreta. As crianças pensam ao ver e ao sentir, sem terem capacidade de abstração, pois a razão é uma faculdade que se desenvolve com o tempo e com a integração das outras faculdades.

Raciocinar com as crianças era a grande máxima de Locke; é a que está mais em voga hoje; seu êxito não me parece muito do molde a justificar-lhe o critério. Quanto a mim, nada vejo mais tolo do que essas crianças com as quais tanto se raciocinou. A razão é um apuramento das outras faculdades, só se desenvolve mais tarde e mais dificilmente. Os Colégios, os preceptores, ou seja, a tradição escolar, incentivam o inverso: ensinar a raciocinar com as crianças. (ROUSSEAU, 1995, p. 74).

280

A relação do Emílio com as ciências dá-se de outra maneira, dá-se antes da formulação de seus conceitos, de suas ideias. Com o apelo à experiência, primeiro, observa fenômenos, fatos, faz análises concretas; “porque nossos verdadeiros mestres são a experiência e o sentimento e nunca o homem sente bem o que convém ao homem senão nas situações em que se encontra” (ROUSSEAU, 1995, p. 191). A isto Rousseau chama adquirir os princípios do conhecimento, do saber, das ciências para só depois passar ao processo de abstração e, portanto, de racionalidade intelectual que, para Rousseau, uma criança não possui ainda. Entre o objeto e a linguagem raciocinada há um grande espaço a ser preenchido. Para o filósofo,

Todo o seu saber está na sensação, nada chegou ao seu entendimento. Sua memória mesma não é muito mais perfeita que as outras faculdades, pois precisam quase reaprender, quando grandes, as coisas que aprenderam na infância. (ROUSSEAU, 1995, p. 98).

Segue-se a isto, podemos dizer, uma tábua de valores, para que o aprendiz em contato com a coisa mesma, real, possa, a partir delas, formar juízos, interpretações,

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 13	n. 35	Setembro – Dezembro 2024	p. 269 - 284
--------------------------	--------	-------	--------------------------	--------------

criações, imitações, mas a partir de si mesmo, de sua capacidade cognitiva, num processo ativo, sem que seja o livro a dizer o que as coisas são e como devem ser. Emílio adquirirá, nessa relação direta, os princípios que antecedem e estabelecem o saber erudito.

Como podemos ser tão cegos a ponto de chamar as fábulas a moral das crianças, sem pensar que o apólogo, ao distraí-los, engana-as; que, seduzidas pela mentira, elas deixam escapar a verdade, e que o que fazem para torná-lhes a instrução agradável as impede de tirar proveito delas. As fábulas podem instruir os homens, mas é preciso dizer a verdade nua às crianças: uma vez que as cobrimos com véu, elas não se dão ao trabalho de tirá-las. (ROUSSEAU, 2022, p. 115).

Assim, cosmografia/geografia, astronomia, matemática, física, economia, propriedade privada, química, história, moral, precedem, pela experiência, seus significados em termos teóricos.

Enquanto seus órgãos delicados e flexíveis se podem ajustar aos corpos sobre os quais devem agir, enquanto seus sentidos ainda puros, são isentos de ilusão, é tempo de exercitar uns e outros às funções que lhe são próprios; é tempo de ensinar e aprender a conhecer as relações sensíveis que as coisas têm conosco. Como tudo que entra no conhecimento humano entra pelos sentidos, a primeira razão do homem é uma razão perceptiva; ela é que serve de base à razão intelectual: nossos primeiros mestres de filosofia são nossos pés, nossas mãos, nossos olhos. Substituir tudo isso por livros, não é ensinar-nos a raciocinar, é ensinar-nos a acreditar muito e a nunca sabermos coisa alguma. (ROUSSEAU, 1995, p. 120-121).

281

Rousseau não descarta totalmente os livros, pois recomenda aquele que reúne elementos para a autossuficiência, a sobrevivência e a autonomia, posto que, "dos conhecimentos que estão ao nosso alcance, uns são falsos, outros são inúteis e outros servem para alimentar o orgulho de quem os tem" (ROUSSEAU, 2022, p. 189). O livro de Robinson Crusoe será a leitura recomendada, pois, para o genebrino,

Uma vez que precisamos absolutamente de livros, existe um que fornece, a meu ver, o mais feliz trado de educação natural. Este livro será o primeiro que meu Emílio lerá; sozinho, constituirá durante muito tempo toda a sua biblioteca, e sempre ocupará nela um lugar de distinção. Será o texto a que todas as nossas conversações sobre as ciências naturais servirão apenas como comentários. Servirá para comprovar nos progressos que realizamos o estado de nosso juízo; e, enquanto nosso gosto não se estragar, sua leitura nos agrada sempre. Qual será esse livro maravilhoso? Aristóteles? Plínio? Buffon? Não: é *Robinson Crusoe*. (ROUSSEAU, 2022, p. 215-216).

Esse livro auxiliará na educação do aprendiz, porque entra na fase do trabalho, das instruções e dos estudos. Através dele, Emílio se instrui e se compadece

com a condição de Robinson Crusóe que, perdido numa ilha, precisou trabalhar por si mesmo para prover sua subsistência e para sobreviver às intempéries da natureza.

Assim, dos exercícios com o corpo no livro dois às experiências concretas no livro três, pode-se observar a existência de uma proposta para que o aprendiz Emílio lide com os saberes constituídos, a cultura livresca, as ciências de modo geral. Inserido em espaços naturais e situacionais intencionalmente ocasionados, a criança será capaz de captar os princípios da ciência, deixando de lado uma aprendizagem baseada nos livros e coadunando com aquilo que Rousseau poderia chamar de prevenção, pois, além de ser um viés da educação negativa, é também um aspecto do empirismo rousseauiano aplicado à educação.

São várias as lições concretas a que a criança é imersa, para delas retirar suas interpretações. Por exemplo, para aprender geografia e cosmografia, o preceptor propõe ver o pôr e o nascer do sol, perder-se para encontrar o caminho de volta para casa ou cortes em papelão que represente a Terra. Para aprender matemática, propõe corridas pra ver quem chega primeiro, quem corre mais, quem será premiado com doces etc. Para aprender história, o caso do preceptor de Alexandre, estudo que envolveu a narração de um fato. Para aprender economia, leva o Emílio a um almoço na casa de um convidado. Para aprender física, o caso do prestidigitador e o pato da feira. Para aprender arte, imitação, por seus próprios desenhos, da natureza, coisas feitas à mão. Para aprender geometria, que faça círculos no chão, cortes em papelão, bolas. Para aprender química, o exemplo do vinho e do leite. Para aprender a linguagem escrita, o bilhete não lido com antecedência, convidando-o para uma visita, e a análise da fábula do corvo e a raposa. Para aprender sobre direito e propriedade privada, o caso das favas do jardineiro Robert.

6. Considerações finais

Com esse artigo, buscou-se apresentar que Rousseau propõe uma maneira de seu aprendiz lidar previamente com os saberes constituídos, as ciências em sua forma acabada, como isto dentro da teoria do conhecimento viabiliza também, a composição de discursos sobre a educação no pensamento do filósofo de Genebra. Assim, como base na leitura dos livros 2 e 3 três de sua obra pedagógica, *Emílio*, buscou-se demonstrar como é empreendida essa proposta com a mediação do preceptor que, enquanto recorte da educação negativa constrói-se um discurso sobre o empirismo,

baseado nas experiências proporcionadas intencionalmente ao aprendiz para que elas lhe favoreçam colher os princípios que formulam e antecedem a construção teórica das ciências. Assim, observou-se que pode existir uma teoria do conhecimento de caráter empirista nesses dois livros do *Emílio*, posto que a criança que está sendo educada pelo preceptor Jean-Jacques precisa ter contato com as coisas e a natureza antes do contato com os livros que, por sinal, será o de Robinson Crusóé.

Essa perspectiva de afastar os livros e o contato com as ciências já estabelecidas é uma tese que Rousseau defende desde o *Discurso sobre as ciências e as artes*, de 1750 e vemo-la posta em prática em sua obra de 1762, *Emílio ou Da Educação*, quando trata da educação de uma criança imaginária que, em sua fase infantil, não terá contato com livros, mas aprenderá, por experiências, os princípios que constituirão as ciências antes de sua forma acabada, ou seja, teórica.

Ao apresentar uma criança imaginária e todo o seu processo educativo dentro dos preceitos da educação negativa, pensar as ciências e as artes, nesse contexto da teoria do conhecimento alinhada à aprendizagem faz chegar àquele momento do Emílio aprender e se instruir, ter contato com os livros, mas o livro de Robinson Crusóé. Neste momento, veremos Rousseau traçar todo um recuo que ponha o aprendiz frente à natureza das coisas, fazendo compreendê-la como é, para que compreenda os processos de construção do saber. As experiências devem preceder toda a construção teórica posterior.

A relação do aprendiz com as ciências e as artes pressupõe, em Rousseau, uma preparação do corpo e do espírito por meio das experiências sensíveis para que compreenda o processo de criação e construção das ideias. Tal preparação visa desenvolver a razão sensitiva, que julga, que analisa e que interpreta a realidade por meio dos sentidos.

Com isso, não se pretendeu esgotar o tema, mas trazer uma abordagem sobre um aspecto da obra pedagógica de Rousseau que, em nosso entender, ainda é pouco explorado: a questão de uma teoria do conhecimento como viés da educação negativa e como debate de Rousseau sobre a ciência, abrangendo não só as ciências naturais e exatas mas, também, as ciências humanas. O escopo abordado aqui, constitui a narrativa discursiva em Rousseau sobre educação e conhecimento, empirismo e ciência, ciência e educação.

REFERÊNCIAS

COMENIUS. **Didática Magna**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

COSTA, Maria do Socorro Gonçalves da. **Cultura e educação em Rousseau: uma análise do Emílio**. São Luís-MA: Universidade Federal do Maranhão, 2013. 119f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/tede/47> Acesso em: 25/02/2024.

KAWAUCHE, Thomaz. **Educação e filosofia no Emílio de Rousseau**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

LOCKE, John. **Ensaio acerca do Entendimento Humano**. Tradução de Anoar Aiex e Jacy Monteiro. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).

LOCKE, John. **Quelques Pensées Sur L'Éducation**. Traduction G. Compayré. Paris: Librairie Philosophique J. VRIN, 2007.

PAIVA, Wilson Alves de. **Uma pequena introdução ao Emílio de Rousseau**. Pro-Posições, v. 18, n. 3 (54) - set./dez. 2007.

PISSARRA, Maria Constança Peres. **Rousseau: a política como exercício pedagógico**. São Paulo: Moderna, 2002.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1995.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Confissões**. Tradução: Rachel de Queiroz e José Benedicto Pires. Bauru, São Paulo. EDIPRO, 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre as Ciências e as Artes**. Tradução: Lurdes Santos Machado. Introdução e notas de Paulo Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado, 2ª edição. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultura, 1978.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a religião e a moral**. Tradução de José Oscar de A. Marques [et al.]. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. Tradução e apresentação: Tomaz Kawauche. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

VOLTAIRE. **Dicionário filosófico**. Tradução de Marilena de Souza Chauí Berlinck. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).

VIEIRA, Epitácio Fragoso. **O senso antropológico em Rousseau**. Recife: Editora da UFPE, 1989.